

O PAPEL QUE CABE AOS SOCIÓLOGOS DENTRO DAS ESCOLAS EM SOCIEDADES DEMOCRÁTICAS*

Heloísa Dupas PENTEADO **

RESUMO: A partir do fenômeno da "democratização do ensino" temos dentro das escolas alunos de origem social bastante diversificada. Este fato é o responsável pela ocorrência, dentro das escolas, hoje, especialmente de 1.º grau, dos conflitos e discriminações sociais características da sociedade brasileira atual. Ao viver esses problemas no seu trabalho, o professor tem respondido a eles de maneira pessoal e não profissional. Para que sua resposta chegue a ser profissional, uma formação sociológica, bem como a assistência do profissional sociólogo, dentro da unidade escolar, se fazem indispensáveis.

PALAVRAS-CHAVE: Origem social. Contato primário. Contato secundário. Contato categórico. Agente transformador. Formação sociológica. Sociólogo.

Quando pensamos na escola dentro de uma sociedade democrática pensamos numa escola atendendo a alunos provenientes das diversas camadas sociais que compõem essa sociedade, desenvolvendo junto a eles um ensino de qualidade e eficiente.

Se pensamos num modelo de sociedade democrática pensamos em indivíduos participantes e ativos, pensamos em maioria decidindo e em minorias dissidentes com o direito garantido de continuar expressando seus pontos de vista e de continuar conquistando adeptos para suas causas; enfim, pensamos numa sociedade se construindo, se fazendo, a partir dessa participação ativa.

A partir do chamado fenômeno da "democratização do ensino no Brasil" observamos que realmente temos hoje dentro das escolas alunos de origem social bastante diversificada.

— "O nível dos alunos caiu muito" — é a frase comumente enunciada pelos professores que trabalham já há algum tempo (a dos professores mais novos é: — o nível dos alunos é muito baixo) reveladora desse fenômeno e da postura do professor diante dele.

* Trabalho apresentado ao Congresso Nacional de Sociologia, realizado em Fortaleza, em setembro de 1982.

** Professora Assistente do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada. Faculdade de Educação. USP.

Focalizando a qualidade do ensino desenvolvido hoje nas escolas e a sua eficiência notamos três aspectos importantes:

- a) a insatisfação dos professores que constatarem, de modo geral, a cada dia, a ineficiência do seu trabalho como ele vem se processando em sala de aula;
- b) a insatisfação de muitos pais que atentos percebem essa ineficiência;
- c) um discurso sobre educação que acusa ora a Instituição Escola e suas limitações estruturais e de organização, ora o Professor, agente social que vive as relações sociais que se dão dentro da escola ou a partir dela.

O tema que nos preocupa nesse artigo, com vistas a uma discussão entre sociólogos sobre o seu papel dentro da escola brasileira atual diz respeito exatamente ao professor e às múltiplas relações sociais que ele vive enquanto profissional.

Temos hoje reproduzidos dentro das unidades escolares, especialmente de 1.º grau, os conflitos e as discriminações sociais características da sociedade brasileira atual. O professor se encontra bem no centro desses conflitos, dentro da escola.

A relação professor-aluno pela freqüência com que se dá — encontro diário do professor com os alunos de 1.ª a 4.ª séries, ou alguns encontros semanais de 5.ª série em diante — e pela própria natureza dessa relação que visa a aprendizagem, tem tudo para se constituir num contato secundário. Esse tipo de contato se não permite o profundo conhecimento que o contato primário garante, é, de qualquer forma, o tipo de aproximação pessoal mais freqüente que teremos pela vida afora, no qual o posicionamento pessoal, os esforços pessoais, as dificuldades pessoais, a lealdade, a dissimulação são vividos e sentidos pessoalmente na relação, interferindo nela e no que dela resulta.

Já a relação que o professor mantém com a comunidade, especialmente através dos pais dos alunos, se constitui num contato categórico, que se caracteriza por relações formais que se dão em termos das expectativas de comportamento que nutrem um do outro, respectivamente, e de suas correspondentes aspirações.

A relação professor-colegas de trabalho, e professor-diretor poderiam, e a meu ver deveriam, se dar a nível de contatos secundários. No entanto, o que se observa é que contatos que se dão a nível de contatos-secundários são aqueles que medeiam relações de amizade que surgem entre esses professores. Quando se trata de discutir assuntos da profissão que dizem respeito às relações professor-aluno, professor-comunidade, as relações que se estabelecem então, entre os colegas, são mediadas por contatos categóricos, impessoais, sem posicionamento explícito frente a ação que se desempenha em sala de aula, sem considerar objetivos precisos e viáveis, norteadores dessa ação.

Sabemos que as relações humanas se dão ao nível simbólico.

Quando professores e alunos têm origem social semelhante, as relações vividas pelo professor na escola, ou a partir da escola, tendem a ser mais compreensíveis e harmoniosas, chegando até a relação professor-comunidade a evoluir para um contato secundário, quando este já não é mesmo anterior à relação escola-comunidade. Ambos atribuem o mesmo significado aos símbolos que utilizam. Trocando em miúdos, ambos falam a mesma língua.

Porém, quando professores e alunos são de origem social diferente, desconfianças de ambas as partes são freqüentes e compreensíveis, uma vez que geradas pelo desconhecimento. Ambos utilizam os mesmos símbolos, porém o significado atribuído a eles é diferente para cada uma das partes, decorrendo daí uma série de mal-entendidos, que evoluem quase sempre em atritos e mesmo violências. Alguns exemplos corriqueiros ilustram a afirmação.

Quando um pai de aluno de uma escola que atende a uma população de classe média-média para cima entra na escola furioso para fazer alguma reclamação, dá um murro na mesa e diz alterado: — Isto é um absurdo — ninguém pensa em chamar a polícia por isso. Alguém, pelo menos, escutará a sua queixa.

Quando um pai de aluno de uma escola que atende a uma população de classe média-baixa e baixa entra na escola furioso para fazer alguma reclamação, dá um murro na mesa e diz alterado: — Isto é um absurdo (apenas não usou este símbolo, “absurdo”, mas um outro que para ele tem um mesmo significado mas que para os professores soa como “palavrão”) ele não só corre o risco de não ser ouvido, mas até de sair dali a convite de uma rádio-patrolha.

Quando um professor de uma escola que atende a uma população de classe média-média para cima diz a um pai de aluno que o filho está estudando pouco, que é “muito vagabundo”, o máximo que pode ocorrer é uma discordância do pai em relação à opinião do professor, porém raramente agredirá o professor por isso. Para ambos a palavra “vagabundagem” tem a mesma conotação.

Quando um professor de uma escola que atende a uma população de classe média-baixa e baixa diz a um pai de aluno que o filho está estudando pouco, que “é muito vagabundo”, ele corre o risco de ser seriamente agredido pelo pai, como já teve oportunidade de presenciar. Para esse tipo de pai a palavra “vagabundo” tem a conotação de “marginal”.

Ao ouvir o seu filho ser chamado de “marginal” (é como ele apreende a mensagem) reage violentamente.

Reforçando essa situação, o discurso atual sobre a Educação acusa o professor de uma ação violenta contra o aluno. Com isso, mais os professores passam a ser objeto de desconfianças e conseqüentemente mais desenvolvem os seus comportamentos defensivos. E acabam se defendendo antes mesmo de serem atacados...

Dentro deste quadro, quando professores e alunos são de origem social diferente, as suas relações envolvem de um modelo de contato se-

cundário para um modelo de contato categórico. E as relações professor-comunidade via pais, que por sua natureza são inicialmente categóricas, cristalizam-se nesse tipo de contato.

Mas, o que dizer das relações entre os professores? Afinal todos têm uma origem social semelhante. No entanto, também entre eles nas escolas que atendem populações de origem social inferior a deles, as relações se dão em termos de contatos categóricos. Todos têm enormes dificuldades em lidar com seus alunos. Mas, aqueles que, por quaisquer razões, lidam melhor, são logo vistos com certa desconfiança, ou como alguém dotado de dons especiais e intransferíveis.

Já nas escolas que atendem populações de origem social semelhante ou superior à dos professores, estes tendem a ter um contato secundário no que diz respeito às questões do seu trabalho pedagógico e à troca de experiências.

O que explicaria a diferença? Reclamos de pais ocorrem nos dois tipos de escolas.

Certamente as explicações se encontram nos preconceitos e nas discriminações sociais ratificadas pelo professorado na afirmação: "O nível do aluno é muito ruim".

Podem perfeitamente ser corolário dessa afirmação as seguintes: — "Reclamações que vêm de baixo não atingem, não têm propósito ou razão de ser, não são para serem consideradas ou levadas a sério. Já quando vêm das camadas sociais a que pertencemos ou superiores a nossa, são para serem pensadas e consideradas".

A grande questão que aqui se coloca é a seguinte: têm os professores que assim agem consciência dessa discriminação que ratificam e perpetuam através de sua ação pedagógica, tal como a vêm desempenhando?

Pela minha convivência com professores de 1.º e 2.º grau ousou levantar a hipótese de que não têm essa consciência.

Quando os conflitos sociais são vividos na sociedade, entre as diferentes camadas sociais, estas sentem e respondem aos conflitos enquanto camadas sociais.

Quando o professor na sala de aula ou na escola vive os conflitos sociais, ele os vive na própria pele. E tem respondido a eles de maneira pessoal, envolvido pelas emoções do momento.

Seria de se esperar dos professores respostas mais profissionais.

Se um médico interage com o seu paciente envolvendo-se emocionalmente com a sua dor e com o seu sofrimento, chega a perder a possibilidade de vir a ser um agente transformador dessa dor. De outro lado, se não for sensível às emoções experimentadas pelo seu doente a partir da doença, certamente não conseguirá estabelecer com ele um contato através do qual possa ser o agente transformador.

Se um psiquiatra, ou um psicólogo, se envolve com o seu paciente a tal ponto de perder a objetividade sobre as questões em torno das quais terá que interagir com ele, dar-lhe-á respostas pessoais, reduzindo a possibilidade de estabelecer interações transformadoras.

De outro lado, se não tiver empatia com o seu paciente, também não conseguirá ser um agente transformador.

Da mesma forma se situa o professor em sua profissão. Portanto, enquanto estiver dando respostas pessoais em suas relações, marcadas pelo seu envolvimento pessoal, não conseguirá desenvolver o seu papel de agente transformador. Não conseguirá desenvolver o seu papel como profissional.

O professor há já algum tempo deixou de ser o "sacerdote", mas ainda não chegou a ser o "profissional".

O que o levará até lá?

Como instrumentá-lo para exercer a profissão?

Certamente uma formação sociológica se faz indispensável.

Porém, por melhor que ela seja, constituir-se-á sempre numa sensibilização para os problemas do exercício da profissão e numa instrumentação primeira que deverá ir sendo reforçada ao longo da sua prática de magistério.

A assistência ao professor dispensada por *um sociólogo dentro da unidade escolar, funcionando como um orientador social das relações entre os diferentes segmentos sociais que nela se encontram* é algo de imprescindível.

Neste momento em que discutimos a prática sociológica em nosso país cabe especialmente a nós, sociólogos e também professores, apontar a necessidade desse profissional dentro das unidades escolares e reclamarmos a sua presença e indicarmos o seu papel.

Será este profissional, o sociólogo, o responsável por *facilitar os contatos profissionais* entre os colegas, bem como de *orientar* o encaminhamento de reivindicações da categoria profissional via associações; será ele o profissional *facilitador do contato entre professores e pais*, de tal maneira que esse encontro se traduza num contato educativo, onde o professor aprende com o pai e o pai com o professor, formas de lidar com o aluno e de encaminhá-lo; será este profissional o colaborador do professor: na elaboração de propostas pedagógicas adequadas à população com que trabalha; na interpretação de ocorrências de sala de aula, de condutas de professor e de aluno; será um orientador das relações sociais de ambos no que diz respeito a criar um clima em sala de aula favorável à ocorrência da empatia, sem a qual qualquer aprendizagem se torna praticamente impossível.

Será o sociólogo o profissional que deverá levar o professor por caminhos de reflexão e de prática que lhe permitam transformar as afirmações — "O nível do aluno caiu muito" ou ainda "O nível dos alunos é muito baixo" — na seguinte certeza:

"Temos dentro da escola a nossa população" e "o seu nível simplesmente é".

Urge que nós professores aprendamos a lidar com ela.

Urge que os sociólogos auxiliem os professores nessa tarefa.

Os erros já estão suficientemente apontados.

É chegada a hora de ousar superá-los. É chegada a hora de propormos.